

A CAIXINHA DE COSTURA

Tive a ventura de, na companhia de minha mulher, encaminharmos três filhos, tendo a grata sensação da missão cumprida. Agora que as despesas diminuíram, minha situação econômica tornou-se estável, embora modesta e controlada, não obstante a inflação. A saúde vai bem, embora com as restrições próprias da idade.

Posso viajar, mas não tenho muito ânimo. Com o passar dos anos, sinto certa fragilidade. Nunca fui muito valente e hoje ainda sou menos. Não tenho medo de morrer, mas abomino qualquer forma de sofrimento. Pequei bastante, principalmente por causa do orgulho. Todavia, acho que o saldo de minhas virtudes é positivo. Se houver um julgamento, devo passar embora "raspando". Procurei ser um bom filho, bom pai e bom marido. Não sei se consegui.

Tenho tido muitas alegrias, mas não sou feliz, pois as coisas não acontecem sempre como quero. Não tenho o poder de mudar o mundo. Nem meus sentimentos consigo controlar! Os acontecimentos, quase sempre inesperados, ocorrem num verdadeiro atropelo. Quase todos os dias sou atingido por um fato novo e, contra alguns deles, não sei lutar. Às vezes sinto que estou "sobrando" e que ninguém mais me escuta.

Obviamente, minhas idéias estão ultrapassadas, como é natural. Não estou mais conseguindo acompanhar o ritmo. No rio da vida, estou ficando à margem, o que atinge meu grande pecado, o maldito orgulho.

O dia de hoje (20 de fevereiro) está chuvoso e triste, fazendo-me lembrar de um poeta francês, cujo nome não mais recordo:

"Nada mais cara que a canção cinzenta, onde o preciso e o indeciso se juntam"

Todos estes pensamentos, toda essa choradeira ocorreram por causa de uma caixinha de costura, de Imbuia trabalhada, que pertenceu à minha Mãe e hoje está em minha casa. Ela possui sete repartições, sendo que seis delas se abrem (três de cada lado) para dar acesso ao seu interior, onde estão as linhas, agulhas, dedal, botões, tesouras. Durante grande parte de minha vida (infância e adolescência), geralmente à noite, vi minha Mãe consertando as roupas da família. Era um trabalho humilde, quase sempre em silêncio, quando eu já cabeceava de sono. Vez ou outra, ela cantava baixinho, enquanto remendava as meias, e essas foram as canções mais belas que ouvi.

Naquele tempo as mulheres não trabalhavam fora, nem guiavam automóveis e seus amores eram só para o marido,

para os filhos, para a casa. Não se falava em drogas, em Aids e nem havia tantos marginais e crimes. Parece que a vida era bem melhor, porque os deuses tutelares (deuses lares dos romanos) velavam pelas famílias.

Mas, eu estava esquecendo da coisa mais importante da caixinha: um ovo de madeira, um pouco maior que um de galinha.

Ontem à noite, quando minha mulher abriu a caixinha (que hoje é sua) tirou o ovo e colocou sobre a mesa. Estendi a mão e o peguei. Em sua superfície ainda se viam as marcas feitas pelas pontas das agulhas durante meio século. Repus o ovo ao alcance de minha esposa, que o colocou dentro de u'a meia e começou a cerzir. Aí um pequeno milagre aconteceu. Eu já não estava mais em minha casa. Ajeitei os óculos e olhei firme. Já era a sala de jantar da casa de meus pais, onde minha Mãe cerzia, cantarolando baixinho. A visão foi forte, nítida, real. Meu coração acelerou, mas respirei lentamente para não quebrar o encantamento. Minha Mãe estava bonita, forte, moça, serena, cuidando de nossas roupas, velando por nós, amando a gente.

Um detalhe: quando peguei o ovo de madeira, ele estava morno, como se ainda mantivesse o calor das mãos de minha Mãe... ainda estava impregnado de amor...

Tudo foi muito fugaz. O Encantamento acabou. O sonho findou. Minha Mãe foi embora e sua canção também. Que pena, que pena!

Enquanto eu tiver uns restos de vida, minha Mãe será imortal...